

## PERFORMANCE E DISCURSO PORNOGRÁFICO EM UM VÍDEO DO SITE HOTBOYS

Victor Antonio de Araujo Alves da Silva<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este trabalho pretende tecer uma discussão acerca do campo pornográfico *mainstream* a partir de um vídeo do site Hotboys. Pretendo neste artigo operar com os conceitos de performatividade, performance e discurso para observar como o discurso se constrói no vídeo e como as coreografias e performances reiteram ou contradizem esse discurso. No mais este trabalho irá capitalizar os conceitos de máxima visibilidade e construção narrativa de consentimento para analisar a imagem pornográfica inserida nas práticas discursivas. Este trabalho é parte integrante da pesquisa de mestrado e propõe um debate no campo das ciências sociais sobre gênero e sobre pornografia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Performance; Discurso; Pornografia; Hotboys.

### PORNOGRAPHIC PERFORMANCE AND DISCOURSE IN A VIDEO FROM THE HOTBOYS WEBSITE

**ABSTRACT:** This work intends to discuss the mainstream pornographic from a video of the site Hotboys. In this article I intend to operate with the concepts of performativity, perform and speech to observe how the speech is constructed in the video and how the choreographies and perforations reiterate or contradict this discourse. In addition, this work will capitalize on the concepts of superior visibility and narrative construction of consent to analyze the pornographic image within speeches practices. This work is an integral part of the master's research and proposes a debate in the field of social sciences about gender and pornography.

**KEYWORDS:** Performance; Discourse; Pornography; Hotboys.

<sup>1</sup> Formado em Pintura pela Escola de Belas Artes - UFRJ. Mestrando em Cultura e Territorialidades - UFF. Sua área de pesquisa situa-se nos estudos de pornografia, gênero e masculinidades, em interface com os estudos de mídia, cultura e artes.

## INTRODUÇÃO

Acessar um site pornográfico, pagar um acesso VIP e adentrar um universo de corpos e prazeres disponíveis, onde a promessa de gozo é garantida. A premissa do *site* pornográfico pago *Hot Boys* é sugestiva: garotos quentes. Na barra inferior a promessa é que a assinatura dá acesso ao “*site mais quente da net*”. Todo acesso no *site* é pago, a dinâmica de acesso portanto é mediada financeiramente, após a confirmação de pagamento o *site* redireciona o usuário para outra interface de navegação diferente da primeira, disponível para acesso gratuito. Capitalizando o termo utilizado por Michael Ross *et. al.* (2000), o que o site oferece após o pagamento é um oásis erótico, de corpos e cenas de sexo disponíveis para deleite e gozo do espectador.

A internet transformou a maneira de se consumir pornografia nos últimos anos, a partir da década de 1970 são nas locadoras de vídeo e nas bancas de jornais que era possível acessar o conteúdo pornográfico. A otimização do site para smartphones garante que o conteúdo pornográfico seja consumido em qualquer hora do dia, em qualquer lugar. O importante é satisfazer a necessidade de gozo a qualquer tempo. O interesse desse artigo é lançar um olhar sobre a pornografia *mainstream* gay na internet, particularmente a produzida no Brasil, para isso utilizarei como exemplo o site Hotboys e investigar a relação entre a performance e o discurso que são exibidos no site. Me interessa compreender a formação do discurso pornográfico que circula no site e as performances corporais e pornográficas exibidas visualmente. Pensando a pornografia como um dispositivo de saber/poder sobre os corpos e sobre os sujeitos, compreender os discursos que atravessam o site Hotboys, mas também como esses discursos são evidentes na performance corporal dos modelos durante a coreografia sexual, ou seja, em que momentos o discurso é afirmado e/ou rejeitado.

O trabalho pretende utilizar o conteúdo do site Hotboys para investigar alguns aspectos da pornografia online produzida e consumida no Brasil no campo da pornografia gay. Propõe-se pensar a definição de pornografia, alguns de seus discursos circulantes e sua relação com a noção de performance, compreendendo aqui tanto a performance da pornografia em si, enquanto linguagem, quanto a

performance dos corpos que aparecem coreografados no vídeo pornográfico. Considero a pornografia online como aponta a autora Mariana Baltar (2014):

como um produto da cultura da mídia que estabelece novas construções discursivas que conformam identidades, performances de si e práticas de consumo ligadas às sexualidades, como indica Feona Atwood (2006) ao analisar o que define como “nova cultura do sexo (2014, p.265).

O site Hotboys se configura como um intrigante objeto de análise da pornografia gay online contemporânea, o discurso de valorização da masculinidade viril se faz evidente no site que se insere na lógica discursiva da pornografia *mainstream*, caracterizada por discursos heteronormativos e machistas. Penso como o discurso reproduzido no site é atravessado por outros discursos historicamente construídos sobre masculinidade e virilidade. Nesse ponto pretendo observar a pornografia do ponto de vista da análise discursiva foucaultiana, ou seja, compreender o uso de enunciados na formação discursiva do site, entender os discursos que o compõe e como integram fazem parte do discurso de valorização da masculinidade viril. As noções de *dispositivo da sexualidade* e *tecnologia de gênero* serão utilizadas como ferramentas metodológicas para pensar a pornografia como um dispositivo de saber/poder que, através de práticas discursivas pretende uma vontade de verdade.

No entanto compreendo que o que compõe o conteúdo do site são discursos audiovisuais, ou seja, é na materialidade da imagem e dos corpos que esse discurso se cristaliza. Nesse sentido, a análise foucaultiana é insuficiente para analisar como o discurso se materializa nos corpos, seja para como afirmação ou rejeição. Para observar tais nuances e complexificar a análise irei operar o conceito de *performatividade*, entendo que a pornografia em si constitui uma performance para que seja entendida como pornografia, além disso analisar as coreografias corporais a partir do conceito de performance para compreender a materialização do discurso no audiovisual. O objetivo maior é compreender como a vontade de verdade produzida discursivamente conduz as cenas e as coreografias corporais, como o corpo constrói o discurso e onde ele o rejeita, quais são as fissuras, ou

seja, os momentos de falha desse corpo em relação a vontade de verdade.

Para complexificar a análise irei operar com os conceitos de “construção narrativa do consentimento” e de “máxima visibilidade” capitalizados pela autora Mariana Baltar (2014). Para essa pesquisa a noção de discurso e de performance se complementam em uma análise que busca perceber o texto, mas também o corpo e a técnica audiovisual na construção da vontade de verdade. Para que a pornografia dita *hardcore*<sup>2</sup> ou *mainstream*<sup>3</sup> seja considerada como tal, ela necessita performar uma série de códigos convencionalmente estabelecidos e sua eficácia é medida na capacidade de excitação do outro. Para pensar a performance e a performatividade pornográfica irei utilizar as concepções de performance trabalhadas por Schechner (2006) e as concepções de performatividade elaboradas por Butler e J. Austin.

Para melhor compreensão do objeto de análise, preciso trazer dois conceitos capitalizados e utilizados por Mariana Baltar (2014) para sua análise do site “Diários da Putaria”. São eles o “Netporn” e o de “pornografia na internet”, aparentemente redundantes ambos conceitos seguem caminhos opostos na produção de discursos pornográficos. Como aponta a autora:

Netporn diz respeito a uma nova forma de produzir conteúdo a partir das mudanças oferecidas pelas novas tecnologias e novas formas de interação propostas em ambientes online. Os sites que se caracterizam por se estabelecerem na lógica da *netporn* constroem uma ideia de participação e construção de conteúdo colaborativo, onde encontramos a combinação entre consumo e comunidade. Tais sites também constroem uma nova estetização das representações do sexo, aderindo a esses elementos do universo participativo e colaborativo que rege a web 2.0. Em outra direção, temos a definição do conceito de pornografia na internet que se configura mais como uma reciclagem e uma reiteração da velha e heteronormativa pornografia produzida pela indústria pornô tradicional, sem qualquer inovação nas construções narrativas, estéticas ou questionamentos sobre as padronizações que circulam através das imagens da pornografia mainstream. (PAASONEN, 2010, p. 298. APUD. BALTAR, 2014).

<sup>2</sup> Considero aqui *hardcore* como toda e qualquer pornografia em que aja penetração explícita, sem contraposição ao sentido de *softporn*, a chamada pornografia leve, sem penetração explícita, considerada por muitos do campo erótico. Não interessa a mim nem a essa pesquisa entrar na discussão sobre a dicotomia entre pornografia/erotismo, porém considero erotismo segundo as concepções trabalhadas pelo filósofo Georges Bataille em O Erotismo, que argumenta que o erotismo decorre da própria imagem pornográfica, como uma provocação, como aquilo que suscita e desperta desejos. Portanto percebo o Erotismo como parte constituinte da imagem pornográfica, não podendo haver uma sem a outra.

<sup>3</sup> *Mainstream* aparece aqui como sinônimo de pornografia comercial.

Me intriga perceber que ora o site se aproxima da ideia elaborada de “netporn”, ora reproduz todas as convenções já estabelecidas e saturadas da pornografia convencional *mainstream*. É interessante perceber como o discurso heteronormativo encontra lugar de proliferação e resistência no mesmo espaço de produção virtual, o que me leva a perceber o objeto Hotboys como complexo em suas contradições. E são essas contradições, esses momentos onde a tensão entre o discurso dominante e a resistência a ele se encontram que me interessa nessa pesquisa. Considerando sempre que o site é um produto e que suas produções são regidas pela lógica de consumo, todavia essas questões não diminuem a potência do discurso pornográfico, ao contrário ao meu ver, entender a lógica de consumo que rege o discurso do site potencializa ainda mais as afirmações e contradições desse discurso.

O Hotboys como linguagem pornográfica se enquadra em uma tradição de produtoras online que produz conteúdo racializado e onde as características de masculinidade viril são destacadas. Diferentemente das grandes produtoras americanas como Men.com, as produtoras especializadas em conteúdo racializado e sexo entre machos<sup>4</sup>, como MachoFucker, Bilatinmen e Latinboyz por exemplo, vendem fantasias de poder e submissão, e de um sexo mais verdadeiro dado a ausência do uso de camisinha nessas produções. Hotboys se aproxima semanticamente dessas produtoras ao explorar *cafuçu* como categoria de desejo e explorar relações entre *cafuçus e bichas* ou entre *machos e bichas* muito bem exploradas por Peter Fry em seus estudos sobre a homossexualidade Brasileira.

<sup>4</sup> Macho aqui entendido como categoria êmica, assim como aparece nas análises e estudos de Peter Fry sobre a construção das representações de homossexualidade no Brasil.

(...) são concebidos como pertencendo a duas categorias fundamentais homens e bichas. A categoria bicha se define em relação a categoria homem em termos de comportamento social e sexual. Enquanto o homem deveria se comportar de uma maneira masculina, a bicha tende a reproduzir comportamentos geralmente associados ao papel de gênero feminino. No ato sexual o homem penetra enquanto a bicha é penetrada (FRY. 1982. p.90).

As relações exploradas pelo site Hotboys me parecem relações bem estabelecidas no imaginário social sobre o homem do estilo *cafuçu*, negro e latino. Além da questão racial outras similaridades

entre a Hotboys e as demais produtoras já citadas são a ausência do uso de camisinha, a brutalidade na coreografia sexual e a valorização da hipervirilização dos atores, e sua expressão maior no tamanho do órgão genital. Além disso, aparecem características na própria construção do audiovisual, são em geral filmes de baixa qualidade, com pouco orçamento, filmados de modo quase amador em geral em plano sequência com uma única câmera, ou duas. Nesse sentido a linguagem visual dos vídeos se aproxima da linguagem do vídeo amador, tal aproximação ajuda a dissolver o clima de artificialidade experimentado pelas grandes produções do *mainstream*, trazendo a sensação de sexo real.

Nesse artigo, na impossibilidade de extensão, direciono minha análise a um único vídeo do site Hotboys: “Os Mascarados Pirocudos”. Diversas características me interessam na construção desse vídeo, mas sobretudo sua aproximação da já conceituada netporn. Apesar de muitas produções no site repetirem clichês comuns da pornografia, o vídeo selecionado parece fugir um pouco dos estilos convencionais de produção no catálogo disponível. O início e o final do vídeo colocam o modelo passivo Orion em primeiro plano, falando direto com a audiência do site como que em um blog pessoal, o modelo filma a si próprio como que em selfie. O vídeo não possui uma narrativa exterior para emoldurar a cena sexual, sua intencionalidade é clara na fala do modelo, que chamou dois homens para o sexo.

Na fala do modelo e na descrição do site é perceptível a construção da narrativa de consentimento elaborada por Mariana Baltar (2014). O que me interessa perceber nesse vídeo é se tal construção evidenciada discursivamente está presente na coreografia dos corpos dos modelos durante o ato sexual, ou se, em algum momento esse consentimento é negado. É perceber os discursos que atravessam a construção discursiva da cena e a performance, pornográfica e corporal, presente no corpo do vídeo.

### **SOBRE PERFORMANCE E A PERFORMATIVIDADE PORNOGRÁFICA**

Pretendo aqui me debruçar sobre os conceitos de performance e performatividade para posteriormente compreender como a pornografia se apresenta, e como o audiovisual pornográfico e

composto por performances e coreografias corporais que são interpeladas pelas produções discursivas do próprio site. Pensar nestes dois elementos é lançar um olhar sobre o corpo, este que se apresenta na tela, mas o próprio corpo pornográfico: com suas técnicas, ângulos e toda linguagem específica necessária para que seja entendida não só como pornografia, mas como pornografia gay *mainstream*.

Para Schechner (2006) performance se caracteriza por um fazer, estar fazendo, mostrar fazendo. Um fazer, atuar, desempenhar em relação a uma série de atos ou roteiros pré-estabelecidos. Performance também se apresenta como desempenho, a performance esportiva indica excelência no esporte, a performance do ator indica um ótimo trabalho. Além de um fazer o conceito de performance se integra ao conceito de desempenho, de excelência, mas também de representação. Segundo o autor:

performances marcam identidades, dobram o tempo, remodelam e adornam o corpo, e contam histórias. Performances - de artes, de rituais ou da vida cotidiana - são comportamentos restaurados, comportamentos duas vezes experienciados, ações realizadas para as quais as pessoas treinam e ensaiam (SCHECHNER, 2006, p. 28).

A ideia de performance como repetição, ou como comportamento restaurado, ou ainda como comportamento ensaiado, me faz refletir sobre a pornografia em si, a linguagem pornográfica, como performance. Cada vídeo é uma repetição de códigos visuais e narrativos preexistentes, tais códigos aparecem seja para afirmar a lógica heteronormativa da pornografia *mainstream*, seja para contradizer essa lógica em pornografias como alt-porn e pós-porno. De qualquer forma são comportamentos restaurados e repetidos que cristalizam na tela, a pornografia se repete e satura sua linguagem em si mesma para que seja reconhecida na obviedade de sua linguagem, que no entanto não deixa de produzir novos discursos e se renovar em si mesma, para mim parece um processo de retroalimentação.

De maneira bem simplista, o pensamento de Schechner (2006) sobre performance pode se resumir como a "ritualização de sons e gestos". O autor Emerson da Cunha de Souza em sua dissertação (2014) propõe pensarmos a pornografia como "(...) um conjunto de atos, ou, um conjunto insaturado e insaturável de atos; ações que (se)

performam e que se colocam no mundo (SOUZA, 2014, p. 16)”. O autor utiliza como ancoragem teórica a noção formulada por Richard Dyer de que pornográfico é tudo aquilo que pretende provocar a excitação sexual do espectador. Já Preciado (2008) enxerga a pornografia como um dispositivo virtual masturbatório capaz de provocar a excitação do corpo independente da vontade de seu espectador.

Dessa maneira posso conceituar aquilo que vou chamar de performance pornográfica como um conjunto de atos, ações, sons e gestos que são repetidos e reiterados da imagem pornográfica com o objetivo de provocar a excitação sexual do espectador, seu auge ou o seu maior desempenho seria provocar o tão esperado gozo. Tal performance se evidencia cristalizada no vídeo pornográfico, no formato online. Os atos reiteráveis que compõem a performance pornográfica é “(...) orientada por um princípio de máxima visibilidade que vincula o explícito ao real (BALTAR, 2015, p.137)”. Para alcançar seu objetivo de maior excitação a performance pornográfica se utiliza de códigos que são utilizados, repetidos e reiterados em cada produção pornográfica, códigos esses que Linda Williams utilizou para compor o princípio da máxima visibilidade (BALTAR, 2015, p.138).

A utilização de close ups de diversas partes do corpo, mas sobretudo da penetração, a valorização visual e a iluminação da genitália, direção de coreografias e posições sexuais que enquadrem os corpos na câmera, de modo que, por exemplo, aberturas corporais fiquem em evidência. A diversidade de atos sexuais demonstrado o caráter espetacular do sexo pornográfico que revela como clímax final o gozo super valorizado, de maneira geral com a utilização do *money shot*, o close na ejaculação masculina fora do corpo do parceiro que por sua vez é manchado por ela. E na reiteração, repetição e incorporação de tais códigos pela pornografia para que seja reconhecida como tal que é que se forma a performance pornográfica, sempre um fluxo, sempre um fazer, pois o esforço de incorporação é constante.

A filósofa Judith Butler utiliza o conceito de performatividade, tomando como objeto a construção das identidades de gênero. Butler desloca o uso de performatividade da teoria linguística de Austin para a realização de um gênero ao que a autora irá denominar

performatividade de gênero. Para a autora o gênero não é algo dado, um substantivo, mas um fazer constante que necessita da incorporação para se cristalizar nos corpos e ser entendido como “natural”, no entanto Butler nos evidencia a construção discursiva e performativa do gênero. Para exemplificar a autora toma de empréstimo o questionamento de Simone de Beauvoir “não se nasce mulher, torna-se mulher” ao que a autora irá elaborar:

(...) mulher é um termo em processo, um devir, um construir de que não se pode dizer com acerto que se tenha uma origem ou um fim. Como uma prática discursiva contínua, o termo está aberto a intervenções e ressignificações. Mesmo quando o gênero parece cristalizar-se em suas formas mais reificadas, a própria “cristalização” é uma prática insistente e insidiosa, sustentada e regulada por vários meios sociais (BUTLER, 2003. p.58-89).

A identidade de gênero é performativa, pois necessita de uma série de códigos para que seja inteligível. O que a autora propõe é que a performatividade é sempre um fazer que se cristaliza através da incorporação e da reiteração constante de códigos pré-estabelecidos até que se consolide como algo natural. O processo de reiteração e incorporação que caracteriza a performatividade elaborada por Butler pode, a meu ver, ser aplicada para pensarmos a pornografia como performance. O que entendemos hoje como pornografia é o resultado de múltiplos discursos historicamente construídos desde o século XIX, compondo diversos códigos reiterados e incorporados para consolidar o que entendemos hoje como pornografia *hardcore mainstream*.

### **SOBRE O DISCURSO PORNOGRÁFICO E A PORNOGRAFIA COMO DISPOSITIVO**

Ao pensar a performance e performatividade a partir de Butler (2003) consideramos esta construída no interior das práticas discursivas. Nesse ponto cabe pensar como a pornografia se constrói como discurso e que outros discursos atravessam e formam o que entendemos hoje como pornografia. A autora Mariana Baltar nos leva “(...) refletir sobre o papel das narrativas do gênero pornográfico como dispositivo de cristalização de saberes/poderes sobre outros grupos que circundam a margem da sociedade patriarcal heterocentrada (2010, p.5)”. Portanto observamos como a pornografia emerge como

um dispositivo regulatório no interior do discurso heteronormativa capaz de regular, classificar e normatizar os desejos até de grupos que não são heterossexuais. O que é evidenciado por Butler ao capitalizar o conceito de matriz heterossexual que regula e orienta o discurso dominante.

A partir de Lynn Hunt (1999) Mariana Baltar (2010) argumenta que o que compreendemos hoje como pornografia está associada com sua regulação e só pode ser pensada em sua atual configuração a partir de meados do século XIX, quando ocorre a institucionalização do gênero. O autor João Freire (2001), utilizando a perspectiva de Walter Kendrick (1987) argumenta que a definição de pornografia é construída a partir do poder de censurá-la, seu campo semântico surge como resultado da ação reguladora de diversos dispositivos disciplinares.

A pornografia como categoria reguladora foi criada nos meados do século XIX como uma resposta a ameaça de democratização da cultura num período de crescimento de consumo e alfabetização (FREIRE, 2001. p66).

Portanto a pornografia como conhecemos é uma construção histórica nas práticas discursivas, seu caráter regulatório é evidente sobretudo na pornografia *mainstream*. Nesse sentido a pornografia se configura como um dispositivo de poder/saber que atua sobre as sexualidades do sujeito. Seus códigos são institucionalizados e reiterados para que ela se apresente inteligível, ainda que sua linguagem se modifica e se atualiza - passe da literatura pornográfica as imagens e vídeos pornográficos até se atualizar na configuração atual de pornografia de internet - seu discurso se configura em torno da descrição explícita de cenas sexuais e órgãos genitais a fim de causar a excitação do leitor/espectador.

O processo de institucionalização do gênero aponta para a crescente constituição de práticas discursivas em torno da escrita e a produção imagética de órgãos e práticas sexuais para estimular sensações. (...)Tais marcos tem tudo a ver com a formação de uma cultura audiovisual impulsionada pelo incremento e popularização das tecnologias de reprodutibilidade da imagem (BALTAR, 2010, p. 6).

Observo que o site pornográfico é um espaço de produção discursiva que regula tanto os corpos quanto os desejos dos

indivíduos. Nessa perspectiva ele opera como uma tecnologia de gênero (De LAURETIS, 1987). Como uma tecnologia ou um dispositivo que através de produções discursivas produz ou pretende uma vontade de verdade sobre o gênero, mas também sobre o sexo e os desejos. O site Hotboys opera como uma tecnologia social que regula os ideais de masculinidade e virilidade, reproduzindo estereótipos de gênero. Nesse sentido, o gênero é formado por representações, que têm implicações na construção social e subjetiva dos sujeitos. A partir de uma perspectiva Foucaultiana a autora Teresa de Lauretis formula a ideia de que gênero é regulado por diversas tecnologias sociais, discursos e práticas, que em seu conjunto formam o que a autora denominou tecnologia de gênero:

Para isso pode-se começar a pensar o gênero a partir de uma visão teórica foucaultiana, que vê a sexualidade como uma "tecnologia sexual", desta forma, propor-se-ia que também o gênero, como representação e como auto representação, é produto de diferentes tecnologias sociais, como o cinema, por exemplo, e de discursos, epistemologias e práticas críticas institucionalizadas, bem como das práticas da vida cotidiana (DE LAURETIS, 1987, p.208).

As ferramentas conceituais elaboradas por Foucault (1988) permitem compreender a sexualidade enquanto um dispositivo; ou seja, inscrita em um jogo de poder e relacionada com determinados tipos de saberes, segundo um conjunto de efeitos que se materializam tanto nos corpos quanto no comportamento e nas relações sociais dos indivíduos. O autor afirma que a sexualidade como dispositivo deve ser analisada não enquanto natural ou biológica, mas inscrita nas relações discursivas de saberes e poderes. Segundo o autor, devemos pensar a sexualidade a partir da produção de saberes que ela constitui, os sistemas de poderes que regulam suas práticas e as formas pelas quais os indivíduos se reconhecem como sujeitos sexuados. Ele aponta a sexualidade enquanto uma construção no processo histórico:

A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas a grande rede de superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação do discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo

algumas grandes estratégias de saber e de poder (FOUCAULT, 1988, p.100).

O discurso articula em si o saber e o poder, pois todo discurso pretende uma vontade de verdade. Essa vontade deve ser questionada, para que se possa compreender as condições de formação de um discurso, os desejos e poderes pelos quais o sujeito luta e quer se apoderar. Foucault questiona "(...) se o discurso verdadeiro não é mais com efeito, desde os gregos, aquele que exerce o poder, na vontade de verdade, na vontade de dizer esse discurso verdadeiro, o que está em jogo, senão o desejo de poder? (FOUCAULT, 1996, p.10)". Que verdade pretende, então o discurso pornográfico? e que outros discursos atravessam o campo da pornografia?

A meu ver o gozo seria a verdade pretendida por todo discurso pornográfico, todos os esforços da construção da pornografia levam ao objetivo final, o grande ápice do gozo, a satisfação total do prazer erótico. Para tal a pornografia se vale de diversos recursos discursivos e imagéticos para seduzir e capturar o espectador. Por outro lado, orientada pela matriz heteronormativa, observo que outros discursos regulatórios atravessam a pornografia, no que tange este objeto de pesquisa o discurso de valorização da virilidade atravessa a produção pornográfica.

### **DISCURSO DE VALORIZAÇÃO VIRIL E RACIALIZAÇÃO DO DESEJO**

Observo como o discurso pornográfico do site Hotboys é atravessado por outros discursos historicamente construídos sobre a virilidade e a masculinidade. A representação discursiva de determinados sujeitos no espaço do site é construída para expressar sua condição viril, através de atributos associados a honra, a rudeza, a violência, a força e a potência que evocam a referência do macho viril ideal, presente no imaginário social.

A virilidade é marcada por uma tradição imemorable: não simplesmente o masculino, mas sua natureza mesma, e sua parte mais "nobre", senão a mais perfeita. A virilidade seria virtude, cumprimento. A virilidade romana da qual o termo é oriundo, permanece um modelo, com suas qualidades claramente enunciadas: sexuais, aquela do marido "ativo", poderosamente constituído, procriador, mas também

ponderado, vigoroso e contido, corajoso e comedido (VIGARELLO, 2013, p.6).

Os atributos que constituem o macho viril nos dias atuais, continuam associados a potência e a performance sexual, a virilidade está associada ao homem ativo, aquele que penetra. O que enxergamos como atributos viris hoje, fazem parte de uma complexa tradição na cultura ocidental. As qualidades que compõem a virilidade se reconfiguram com o tempo e conforme a cultura, porém o foco na dominação e no vigor parecem permanecer os mesmos. Vigarello (2013) afirma que "(...) a virilidade histórica como ela é, inevitavelmente, antropológica (p.7)", e está sujeita ao contexto social, se manifestando de formas diferentes em indivíduos atravessados por situações sociais diferentes. Por exemplo, em nossa sociedade alguns valores viris mudaram conforme o contexto social: a maneira como o homem do estilo cafuçu produz uma performance de virilidade é diferente de um homem da classe média. Todavia a dominação masculina compõe um eixo central em qualquer discurso de virilidade.

A valorização do ideal viril é parte constituinte da cultura dominante que legitima a dominação, sobre as mulheres e os outros (afeminados, intersexuais, transsexuais, etc.). O discurso de virilidade produz um discurso de exclusão que aponta os corpos viris como corpos desejáveis. Estigmatizando assim os que não se enquadram na performance do sujeito viril, em nossa sociedade vale salientar a rejeição e a violência particularmente direcionadas aos homossexuais afeminados.

Percebo no discurso dominante a emergência da ideia de matriz heteronormativa. Uma matriz discursiva capaz de regular os corpos e as práticas sexuais a partir da reiteração de discursos normativos, inseridos em uma lógica heterocentrada. Aquilo que filósofa Judith Butler (2003) apontou como sendo Matriz Heteronormativa. A influência desta na produção de desejo erótico homossexual constitui o discurso pornográfico e fica evidente no modelo das relações entre passivos e ativos: tal dicotomia pretende construir uma representação semelhante a construída na pornografia heterossexual. Nesse sentido observo que, no site hotboys, não existe a princípio um cuidado em elaborar uma linguagem sobre o desejo

homossexual, nesse sentido o site reproduz a linguagem comum a vídeos heterossexuais, tal semelhança será evidenciada mais adiante.

Como já pautado antes, uma das questões evidentes no site é a racialização do desejo atrelado ao discurso de valorização da masculinidade viril que produz estereótipos de sujeitos e performances sexuais. Nesse sentido “cafuçu” e “negão” aparecem como categorias êmicas de análise de produção de estereótipos do gênero masculino. Os marcadores de diferença social são agenciados como elementos eróticos na construção da fantasia sexual sobre estereótipos raciais, nesse caso enunciados visuais relacionados sobretudo ao corpo desses sujeitos são evocados, a partir do imaginário social.

A introdução de diferenças raciais, ou de classe, no interior desse aparato representacional, como um sinal invertido da subordinação realmente existente, faz das inferioridades social e política marcas de um atrativo erótico quase irresistível, como se observa para contexto concreto da prática homossexual em diversos quadrantes da América Latina, onde a transgressão do interdito homossexual, parece favorecida pela diferença de classe entre o homossexual de classe média e o jovem heterossexual negro (ou meramente pobre) da periferia ou favela. (PINHO, 2011, p.164)

O cafuçu é tido como um tipo tipicamente brasileiro, seu estereótipo é carregado de exotismo e erotismo, associado às profissões mais populares como: pedreiros, seguranças, porteiros, motoboys. O corpo produzido pelo trabalho braçal, seus fluidos e seu cheiro são importantes na constituição imaginário erótico sobre o sujeito viril. Como objeto do desejo homossexual o cafuçu (e aqui também posso incluir o latino e o negro) deve ser ou aparentar ser, de classe social mais baixa, as marcas do trabalho braçal devem ser visíveis na constituição do sujeito viril. A ênfase nas mãos, nos dedos e nos pés são marcas do trabalho braçal e da ausência de delicadeza: a pele grossa, machucada, calejada devido ao trabalho manual são instrumentos centrais na constituição do desejo erótico.

O que observamos então são as marcas do discurso colonialista de poder no espaço e no imaginário pornográfico, reproduzindo na interação sexual estereótipos sociais, fetichizadas corpos socialmente marginalizados e orientando as interações

homoeróticas, provocando o desejo ao mesmo tempo que reforça o seu lugar na sociedade. A racialização e a valorização da masculinidade viril são discursos que se atravessam. Os vídeos presentes no site Hotboys são repletos de performances de hipervirilização que interseccionam o discurso racial com o discurso de valorização da virilidade, por outro lado esse mesmo discurso é utilizado de forma irônica na produção do desejo erótico. Se por um lado as relações sociais de poder se confirmam, por outro elas são satirizadas, onde o pedreiro fode o patrão e o motorista de uber esculacha seu cliente. Como aponta Osmundo Pinho (2011):

O potencial transgressivo do sexo gay é assim maximizado na medida em que está anexo ao paradoxo da virilidade sodomizada ritualisticamente e de modo espetacular, para consumo alheio (PINHO, 2011, p.168).

Na pornografia em geral, mas sobretudo, na pornografia gay, os aspectos de racialização e de hipervirilização são atrelados a um aspecto específico do corpo do sujeito: o pênis. A materialização desse erotismo, além do corpo de trabalhador braçal está no tamanho do pênis, o falo é a concretização da potência. A associação entre aspecto do órgão genital e a condição social do sujeito não é recente, mas faz parte do discurso histórico de virilidade, como nos mostra o autor Bruno Abouddar (2012).

Ao longo do século XX o discurso médico e criminal fez uma associação entre aspectos fisiológicos e principalmente genitais do sujeito e sua condição social nos estudos sobre a degenerescência. O discurso médico/criminal formulava a hipótese de que os órgãos sexuais eram afetados pelo processo de degeneração moral. O que permitiu por exemplo associar o pênis em forma de sino a um grande número de jovens delinquentes no início do século XX. Surge também a figura do delinquente afeminado, cuja genitália atrofiada é imprópria para a reprodução. O discurso médico-criminal ajuda a construir as fantasias eróticas da burguesia, alimentando um imaginário de delícias e pavores. Desde o início do século XX o tamanho do órgão genital marca a distinção entre a classe operária e a burguesia, a genitália é associada a condutas morais e comportamentos sociais.

Os discursos que atravessam o discurso pornográfico são constituintes ao meu ver de um discurso regulador hegemônico, nesse sentido reitero o que já foi dito ao compreender a pornografia como um dispositivo regulador constituinte do dispositivo da sexualidade. Evidenciar a relação entre a performance pornográfica e os discursos construídos sobre a pornografia nos permite agora lançar um olhar sobre a sua materialização, ou seja, o corpo. Pretendo agora lançar um olhar sobre as coreografias e atos pornográficos para compreender, onde no vídeo selecionado, a performance afirma ou contradiz o discurso que a atravessa.

### **COREOGRAFIAS E PERFORMANCES SEXUAIS EM *OS MASCARADOS PAUZUDOS***

Antes de iniciar efetivamente uma análise do vídeo em questão devo evidenciar dois conceitos que irão nortear essa análise: construção narrativa do consentimento e máxima visibilidade. O conceito de construção narrativa do consentimento e capitalizado pela autora Mariana Baltar (2014) que propõe pensar como o prazer na fruição da imagem pornográfica é intensificado pelo indicativo de consentimento e compartilhamento, ou seja, de que o modelo está de fato sentindo prazer naquela relação sexual e o imperativo de prazer é indicativo de veracidade do sexo filmado. Para a autora a construção narrativa do consentimento é cristalizada na imagem e correlaciona o prazer entre imagem e espectador.

A mesma autora irá trabalhar a partir da concepção de “gêneros do corpo” elaborada por Linda Williams para compreender as narrativas que se pautam no excesso e objetivam reações sensoriais em seus espectadores, no caso da pornografia o excesso se configura como sucessivos closes que almejam a maior aproximação entre espectador e imagem gerando assim maior efeito de realidade e portanto maior desejabilidade dessa imagem. O que caracteriza os gêneros do corpo são sua capacidade de gerar estímulos automáticos no espectador. Beatriz Preciado (2008) aponta para o que Linda Williams chama de imagem incorporada, ou seja, imagem que se faz no corpo.

Para Mariana Baltar (2010) visualidade e excesso são interligadas entre si, sua reiteração é catalisada pelo princípio da

máxima visualidade, que na pornografia se configura como o desejo de revelar na imagem a verdade do prazer sexual (WILLIAMS, 1999. *apud*. BALTAR, 2010). Para Williams (1999) os códigos visuais elaborados pela pornografia contemporânea são orientados pelo princípio da máxima visibilidade, ou seja, um desejo legítimo de mostrar.

O vídeo em questão "Os mascarados pauzudos" se inicia de modo pouco usual no site, o modelo passivo filmando a si próprio com o uso de um smartphone introduz a cena. Nas fotos disponíveis no perfil do modelo Orion, o passivo e único modelo a mostrar o rosto na cena, observamos de início uma imagem onde o modelo segura ambos pênis em um gesto de sexo oral. O modelo está de frente, seu rosto expressa prazer e o modo como segura ambos pênis ajuda na construção da narrativa de consentimento, ou seja, é explicitado que o modelo deseja fazer aquilo, ele deseja essa relação sexual. Em outra imagem o enquadramento mostra o ânus centralizado do modelo, o mesmo abre as pernas para revelar o órgão de maneira convidativa. Existe uma espécie de empoderamento passivo em torno de Orion, ele não é passivo em seu desejo, ao contrário é ele quem convida os ativos para a relação sexual, nesse sentido ele é senhor de seus desejos e reivindica o prazer anal. Tal empoderamento fica evidente na descrição do vídeo:

Órion é um modelo que gosta de desafios, e ele resolveu gravar uma cena bem quente para o site HotBoys. Selecionou dois boys bem pirocudos para satisfazer seus desejos e suas necessidades sexuais, porém nosso dotados não querem mostrar o rosto, mais mostraram uns pauzões enormes e grossos, que deixou nosso Órion cheio de tesão, logo dando início a um sexo hard. Os mascarados não deram mole para Órion, comeram ele bem gostoso, com pegada e muita força (Site HotBoys).

Contrariando a lógica heteronormativa que rege a pornografia *mainstream*, o prazer em evidência não é a do macho, mas a do passivo. É o passivo quem deseja satisfazer suas necessidades sexuais, que diga-se de passagem, é a busca pelo prazer anal. Nesse ponto a descrição sugere que o protagonista do vídeo será o ânus e não o pênis. Como aponta Saez e Carrascosa (2017) o ânus e o prazer anal encontram espaço na linguagem pornográfica, no entanto a relação saturada ereção-penetração-ejaculação, seguida muitas vezes pelo

*money shot*, destituem o protagonismo do passivo e do ânus para o pênis. Me parece que na cultura heterocentrada o prazer é sempre do ativo o passivo é muitas vezes relegado como o objeto de prazer. No entanto a descrição do vídeo sugere a busca pelo prazer anal, tal emancipação remete a conceitualização do prazer anal identificada pelos autores (2017) na prática do *fist fuck*:

O ânus como lugar de exploração, de prazer, de trabalho; o ânus e o reto, lugares tradicionalmente excluídos do prazer, são reivindicados de uma forma diferente, não como lugar de recepção do pênis (órgão que dá valor de uso dentro do pornô), mas como lugar ativo de produção de prazer e de abertura do corpo (SAEZ; CARRASCOSA, 2017, p.114).

Me parece que Orion reivindica seu ânus como órgão de prazer e busca, na relação anal com dois homens, o gozo ideal. O vídeo inicia com uma espécie de monólogo do modelo Orion, a linguagem utilizada aproxima o vídeo da linguagem de filmes amadores, o modelo faz um selfie com o smartphone. O início do vídeo possui a estética de uma gravação *making off*, a narrativa de consentimento se reforça quando o modelo afirma "(...) chamei dois pirocudos para gravar com a gente". Em seguida, o modelo se filma ajoelhado com os dois modelos ativos atrás. Ambos estão com camisa e somente o pênis já ereto aparece, Orion mostra os pênis como quem mostra um produto, ele toca, acaricia e aproxima da câmera utilizando a mesma linguagem que as blogueiras de beleza usam para mostrar seus produtos. Olhar para a câmera e falar diretamente com o público marca uma conexão com o real, onde a noção de autenticidade e realidade transborda na cena, sobre isso Mariana Baltar (2014) indica:

Aqui também, no entanto, o olhar que encara a câmera fornece, para a narrativa, um outro nível de evidência e link com o "real". A mobilização do desejo através deste link com o "real" é marcada por alguns elementos que consolidam, para usar o conceito de Roland Barthes (1986), seus efeitos de realidade. Podemos argumentar que um elemento importante que marca a influência da realidade é exatamente o olhar que encara a câmera, o corpo que fala e o olhar que encara o sujeito observador/consumidor (BALTAR, 2014, p.270).

Em seguida, Orion indica que os modelos ativos não poderão mostrar o rosto, o anonimato é um código muito utilizado na pornografia amadora. Nesse caso o anonimato aparece como um indicativo de que os modelos ativos não são atores profissionais, mas pessoas comuns que decidiram filmar um pornô, porém preferem manter sua identidade preservada. A ideia de amadorismo dos atores trabalha com a noção de autenticidade, e aparece nesse caso, na pornografia *mainstream*, como um fator de atração.

Apesar de, num primeiro momento a cena quebrar com a linguagem visual tradicional da pornografia, a cena do ato sexual em si recupera os códigos da pornografia tradicional *mainstream*. No primeiro corte o modelo aparece de joelhos praticando sexo oral nos dois modelos que aparecem inteiros no frame. É importante para a cena que, nesse primeiro momento, os modelos aparecem utilizando máscaras, como uma marca, ou um fetiche. Os modelos também estão vestindo boné, camisa e balaclava, como que para esconder qualquer marca identitária, como corte de cabelo e tatuagem.

Já no segundo corte o close aparece, a imagem é fechada em close up. O close up aparece na pornografia como lógica da atração, para satisfazer o desejo de realidade do espectador que deseja observar cada ângulo, tão próximo quanto se estivesse lá. É interessante observar que, apesar da utilização de códigos já saturados na pornografia *mainstream*, a cena é o que eu chamaria de semiamadorismo. A qualidade do vídeo é baixa, causando inclusive ruídos na imagem, o vídeo conta apenas com uma câmera filmando muitas vezes em um único ângulo, a iluminação é precária e o cenário parece ser uma sala qualquer. Apesar do esforço de parecer amador, a pornografia brasileira de um modo geral, está muito longe das grandes produções americanas. Nesse sentido a utilização da linguagem amadora, é menos um recurso e mais uma necessidade, já que as produtoras contam com baixíssimo orçamento para suas produções.

Os modelos ativos performam uma agressividade sexual, puxando cabelo, apertando o corpo e batendo ora com o pênis, ora com a mão, no rosto de Orion. Porém a construção narrativa do consentimento se faz quando, por exemplo, o modelo segura com força o pênis de um dos ativos durante a felação. O close no rosto e os

gemidos de Orion garantem a ideia de que o modelo não apenas está satisfeito, ele está sentindo prazer. Existem também questões legais acerca do consentimento, em cenas com certa violência física como esta, é importante que fique registrado no vídeo o prazer do modelo, já que estupro é crime o vídeo não pode se assemelhar a uma cena de violência sexual real. Portanto existe um cuidado na construção visual do prazer do passivo.

A composição dos atores em cena é formada por um passivo branco, um ativo negro e outro de pele clara. Tal composição faz parte do imaginário da pornografia gay online no Brasil, que parece querer compor em suas cenas, como aponta Pinho (2011), a erotização da miscigenação. O autor aponta que já alguns anos algumas produtoras com capital americano como AMG e Alexander Pictures, e mais recentemente RawFuckers e Flava Studios, vem ao Brasil para produzir uma pornografia altamente racializada, em filmes e cenas voltados para o público norte americano e europeu. Os corpos em cena são brasileiros, e são dirigidos para representar a erotização de uma ideia de brasilidade. Homens negros, mestiços, morenos, com certa malandragem e pênis enormes aparecem nesses filmes para satisfazer o olhar americano e consolidar uma espécie de imagem de cultura sexual Brasileira. Nesse sentido outras produtoras, menores e sem capital estrangeiro como a Hotboys, parecem beber dessa referência, que torna inteligível o que se considera pornografia brasileira.

A noção de miscigenação na noção de nacionalidade Brasileira aparece erotizada nas cenas. Outra questão potente é a carnavalização das regras e hierarquias que formam a sociedade moderna ocidental. A pornografia Brasileira parece construir o mundo invertido do carnaval onde hierarquias sociais são invertidas, uma ideia de tudo é possível, onde os limites das fronteiras sexuais parecem tênues. Como afirma Pinho (2011) a figura mestiça brasileira incorpora a ambiguidade racial/sexual, constantemente erotizada e fetichizada na pornografia para o olhar estrangeiro.

A coreografia sexual é orientada pelo princípio da máxima visibilidade, closes na penetração, closes na felação, a expressão e o som devem transmitir prazer, traduz as correlações entre o explícito e o real. O close no ânus-pênis no momento da penetração revela a

ideia de máxima visibilidade, é importante mostrar o exato momento em que o pênis penetra, para que o espectador não se sinta enganado, tudo deve ser explícito e mostrado. Existem alguns pontos que me chamam atenção durante toda coreografia de penetração. Primeiro não ouvimos durante toda a cena gemidos ou a voz dos modelos ativos, apenas o passivo geme e seu gemido se transforma em trilha sonora para a cena, segundo ponto é a ausência de ereção de Orion.

Esse ponto me chama atenção pois, a ereção masculina me parece imperativo de desejo, nesse caso a ausência de ereção denotaria ausência de desejo? A cena parece assimilar uma linguagem presente na pornografia heterossexual na qual a excitação sexual da mulher é marcada pelo rosto e pelos gemidos, nesse caso a ausência de ereção seria compensada pelos gemidos estridentes e pelas expressões faciais de Orion. Orion em cena seria a “mulher” em uma reprodução heteronormativa das relações homossexuais, na ausência de penetração sua excitação, tal qual de uma mulher, se traduz em outros códigos como aponta Mariana Baltar (2010):

Para tanto duas estratégias principais são colocadas em ação (...): repetidos closes nas expressões faciais, cuja gama de ações que devem parecer acompanhar a trajetória do clímax; e o uso hiper-realista do som (sobretudo dos gritos e sussurros) numa espécie de “close up sonoro” (BALTAR, 2010, p. 8).

Outra questão interessante é o momento em que, durante a penetração, as mãos de Orion afastam o ativo. A reação do ativo é imediata, ele penetra com mais força e a expressão de Orion é uma careta, suas mãos não cessam de afastar o ativo que o penetra. Esse momento parece contradizer toda construção narrativa de consentimento presente na cena, é o momento em que o passivo pede para parar, mas é claramente violado. O outro ativo tenta penetrar a boca de Orion, que trinca os dentes e olha para uma outra pessoa, possivelmente o diretor. Por outro lado, esse momento é intercalado por momentos em que o modelo se abre com as mãos, segura o outro pênis e coloca na boca, ou seja, o consentimento oscila.

O vídeo termina em um *money shot* no corpo de Órion e uma *leitada*<sup>5</sup> dentro do ânus do modelo. A câmera utilizando o princípio da

<sup>5</sup> Termo comum na pornografia brasileira para designar ejaculação dentro, da vagina ou do ânus.

máxima visibilidade mostra a ejaculação que escorre do orifício e que suja o rosto do modelo. Orion não goza, a cena acaba e corta para uma cena novamente em selfie onde Orion fala da experiência e o quanto foi prazeroso.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A pornografia é um objeto complexo, cheio de suas contradições. Percebo como a construção narrativa de consentimento, tão importante seja legalmente, seja para o prazer do espectador, possui momentos de falha, momentos em que o consentimento é claramente negado e ocorre a violação, por outro lado essas brechas estão lado a lado de momentos de empoderamento do prazer, onde o consentimento é claro por gestos e sons. Ao mesmo tempo em que assimila valores heteronormativos já saturados da pornografia *mainstream*, reconfigura com momentos de potente empoderamento sexual, onde o desejo do passivo é que fala. Não cabe aqui uma análise simplista do que a pornografia é, ou não é, ou qual discurso ela pretende. A pornografia é complexa, ela é heteronormativa, mas também é resistência, são múltiplos os discursos que a atravessam. Minha questão foi identificar, através da performance e da coreografia sexual onde o discurso se afirma, onde ele se contradiz e explicitar a pornografia como esse lugar complexo de contradições, lutas e disputas simbólicas.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ABOUDRAR, Bruno Nassim. Exibições: a virilidade desnudada. In: COURTINE, Jean- Jacques. (dir.) *História da virilidade*. Vol. 3. A virilidade em crise? Séculos XX e XXI. Petrópolis: Vozes, 2012.

AUSTIN, John Langshaw. *Quando dizer é fazer*. Trad. de Danilo Marcondes de Souza Filho. / Porto Alegre: Artes Médicas: 1990

BALTAR, Mariana. *Frenesi da máxima visibilidade*: ou como o diálogo do documentário e da pornografia constrói o sentido da vanguarda de Blow Job de Andy Warhol. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho "Fotografia, Cinema e Vídeo", do XIX Encontro da Compós, na PUC-RJ, Rio de Janeiro, em junho de 2010.

SILVA, Victor Antonio de A. A. da. Performance e discurso pornográfico em um vídeo do site Hotboys. *Revista Ensaios*, v. 16, jan-jun, 2020, p. 105-128.

BALTAR, Mariana; BARRETO, Nayara. As pornificações de si em Diário da putaria. *Crítica Cultural – Critic*, Palhoça, SC, v. 9, n. 2, jul./dez. 2014, p. 265-278.

BALTAR, M. Atrações e prazeres visuais em um pornô feminino. *Significação: Revista De Cultura Audiovisual*, 42(43), 129-145. 2015.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: Feminismos e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2003.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do 'sexo'. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

DE LAURETIS, Teresa. *Technologies of Gender: Essays on theory, Film and Fiction*. Bloomington/ Indiana: Indiana University Press. 1987.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. Aula Inaugural No College D'e France, Pronunciada em 2 De Dezembro De 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio, - 3ed. – São Paulo. Edições Loyola, 1996.

PINHO, Osmundo. Race Fucker: representações raciais na pornografia gay. *Cadernos pagu* (38), janeiro-junho de 2012:159-195

SÁEZ, Javier; CARRASCOSA, Sejo. *Pelo cu, políticas anais*. Trad. Rafael Leopoldo. Belo Horizonte: Letramento, 2016.

SCHECHNER, Richard. 2006. O que é performance?. In: *Performance studies: an introduction, second edition*. New York & London: Routledge, p. 28-51.

ROSS, Michael W. et al. Differences between Internet samples of men who have sex with men: implications for research and HIV intervention. *Social Science&Medicine*, N°51.2000.

VIGARELLO, Georges. Prefácio in: VIGARELLO, Georges. (Org.). *História da virilidade: a invenção da virilidade, da antiguidade às luzes*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.